

Lápides do Fação (Sintra)

Por

ROSA CAPEANS

Do Museu Etnológico

Em 15 de Maio de 1932, deram entrada no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos três lápides, duas das quais arciformes, do feitio de arca ou baú, ostentam num dos topos uma inscrição sepulcral latina; a terceira lápide, porém, um fragmento reduzido e metade de arca que fosse cortada no sentido transversal, apresenta-se anepígrafa, isto é, desprovida de letreiro que, se existiu, estaria, quiçá, gravado na outra metade que falta.

Vieram do Fação, nome que também vemos grafado: *A do Fação*, *Adufação* e, simplesmente, *Do Fação*, lugarejo da freguesia de Montelavar, ou Monte Lavar ⁽¹⁾, concelho de Sintra.

Vamos descrevê-las pela ordem em que as lançámos no *Livro de Entradas* do Museu Etnológico.

N.º 7.196:

Servia de poial, junto à casa do falecido Senhor António Rodrigues Moucheiro Júnior, que no-la ofereceu. Tem o seguinte epitáfio:

M · IVLIVS
M · F · GAL · MA
XVMVS · AN
XXXIII · H · S · E

(1) «Montelavar» e «Montelevar», e também «Monte Lavar ou Monte Lavôr» são expressões usadas nas «Memórias Paroquiais de 1758», coligidas no chamado *Dicionário Geográfico*, manuscrito do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Livro 42, N.º 204; e na *Chorografia Moderna do Reino de Portugal*, por João Maria Baptista, vol. IV, Lisboa, 1876, pág. 479.

Desenvolvendo as abreviaturas lemos:

*M(arcus) Iulius M(arci) f(ilius) Gal(eria tribu) Maxumus an(norum)
triginta trium h(ic) s(itus) e(st).*

Tradução:

Marco Júlio Máximo, filho de Marco, e domiciliado na tribu Galéria, está aqui sepultado.

O cognomen MAXVMVS, também se encontra com a forma MAXSVMVS, MAXIMVS e MAXSIMVS, nos monumentos lapidares da Península ⁽²⁾.

Dimensões da lápide: comprimento 0,84 m., largura 0,47 m., altura 0,42 m., *plus minus*.

N.º 7.197:

Estava embutida na esquina do muro que rodeia a propriedade da Senhora D. Ana Felícia Leitão Coelho, que no-la ofereceu. Exibe o título ou letreiro já muito gasto:

IVLIA · C · F
MAXVMA · AN
ⅢⅢ XX ⅢⅢ C · IVLIV^s
AVCTOR · PATER
ⅢⅢ IS · MATER ⅢⅢ

Desenvolvimento das abreviaturas:

*Iulia C(aii) f(ilia) Maxuma an(norum) ...XX... [h(ic) s(ita) e
(st)] (?) C(aius) Iulius Auctor pater ...mater [p(osuerunt)?].*

Tradução:

Júlia Máxima, filha de Caio, com 20 ou mais anos de idade... [está aqui sepultada?]... O pai, Caio Júlio Autor... mãe puseram ou dedicaram esta memória.

⁽²⁾ *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II.

1.^a linha: IVLIA·C·F. No final desta linha não há vestígios de quaisquer letras;

2.^a linha: É de leitura muito difícil, devido ao desgaste da pedra. No entanto, lida à luz artificial, enxerga-se, com alguma nitidez, os caracteres: MAXVMA:AN. Note-se que as duas letras M de MAXVMA e o N de AN(*norum*) formam nexos com as letras A; mas têm de representar-se aqui desligadas, por a tipografia não dispor de «letras sobrepostas».

3.^a linha: Antes e depois das letras XX do numeral romano, está a pedra muito gasta e falta o S, final do *nomen* IVLIVS;

4.^a linha: lê-se, distintamente, AVCTOR PATER;

5.^a linha: como a lápide está partida na parte inferior, faltam algumas letras, e divisa-se a palavra MATER.

O *cognomen* AVCTOR, derivado do verbo latino *augeo*, «acrescentar», e que significa, portanto, «o que acrescenta ou o autor», ainda não aparecera, que saibamos, no onomástico da Península Hispânica, pois não figura no volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, nem no respectivo Suplemento, que contém as inscrições desta parte do orbe romano, a *Hispania*.

Não constitui, porém novidade antroponímica, visto que já fizera a sua aparição em inscrições achadas na África Proconsular e em Itália.

Dimensões da lápide: comprimento 1,05 m., largura 0,46 m., altura 0,43 m., *plus minus*.

N.º 7.198:

Fragmento de baú marmóreo, desprovido — como dissemos — de caracteres ou epígrafe. Estava, a uso de banco, cravado no solo, à esquina da «venda» do Senhor Domingos Duarte Rosa, também já falecido, que no-lo ofereceu.

Dimensões: 0,495 m. por 0,40 m.

É do meu dever tributar aqui os meus agradecimentos ao hábil mestre canteiro, Senhor Amaro Cristóvão Loureiro (foi ele que assentou, em

Luanda, a estátua de D. Afonso Henriques), e residente no Fação, pelo amável auxílio que me prestou na obtenção das três lápides, pedindo-as aos donos, e arrancando-as do lugar onde jaziam.

Outra arca arciforme com letras por lá ficou ainda no Fação. Invertida, e profundamente excavada na base, fazia de mangedoura a um burrico, quando, pela primeira vez, a vimos, no palheiro do Senhor António Pedro Feliciano, que exigia por ela uma soma bastante elevada.

Eis a cópia da inscrição:

M · APRONIVS · M · I
 GAL · MARCIANVS
 AN · X · H · S · E

Desenvolvamos as abreviaturas:

M(arcus) Apronius M(arci) f(ilius) Gal(eria tribu) Marcianus an(norum) decem h(ic) s(itus) e(st).

Na primeira linha, o F, abreviatura de *filius*, não passa de uma haste vertical, em virtude do desgaste da pedra.

Últimamente, visitámos o Fação, com o escopo de obter esta última antigualha para o Museu Etnológico. Informaram-nos, ali, de que o seu antigo proprietário falecera, havia tempos, e que a «pedra da mangedoura», passando à posse do filho Pedro Feliciano, fora levada para um cerrado que o mesmo indivíduo possui no «lugarinho chamado Além», um pouco ao Norte do Fação, onde voltámos a vê-la.

Alguns dicionários Corográficos inserem o topónimo *Fação de Além* ou *Fação do Além*, lugar da freguesia de Montelavar. Será o mesmo que o «Lugarinho de Além» acima referido?

Quanto às variantes do topónimo Fação, notaremos o seguinte:

O *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*, publicado, recentemente, por Américo Costa, remete da palavra *Fação* para o artigo «*A do Fação, e também Do Fação e Fação*».

A *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, de João Maria Baptista, tomo IV, Lisboa 1876, pág 479, menciona o Lugar de «*Fação ou A do Fação*».

Vergílio Correia, em *Antiguidades de Armez (concelho de Cintra)*, in «O Archeologo Português», vol. XVIII, Lisboa, 1913, pág. 170, adopta a grafia *Adufação*, deixando-se guiar pelo ouvido.

A do Fação quererá dizer: *a granja, quinta, casa de campo de um* indivíduo chamado Fação. Dizemos isto por analogia com os nomes cuja proveniência o Abade, que foi, de Miragaia, Padre Augusto Ferreira, explicou na *Tentativa Etymologico-Toponymica ou Investigação da Etymologia dos Nomes das Nossas Povoações*, volume II, Porto, 1915, págs. 104 e 105, ao demonstrar a origem dos nomes dos lugares, *A de Barros, A de Junho, A de Justo, A de Marinho, A do Belo, A do Carvalho, A do Rocha, A dos Galegos, A dos Nobres, A dos Francos, A dos Franceses*, etc. etc. .

